

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado e m o mais esmerado gosto e asseio garante bõa mesa e preços modicos.

Promette-se a maximo promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

Proprietario

Manoel Pereira dos Santos.
108 B—Rua Formosa—108 B

CEARA'

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS LIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvedos pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na gran de Exposição Universal Columbian de Chicago. São verdadeiro+ medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões differentes, azias, flatulencia, pese de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois das refeições. etc.

PEITORAL DE JUCA' COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue tísica, etc.

XAROPE ANTINERVO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebções do systema nervoso:—Epilepsia, ataques histericos, palpitações do coração, neurasthenia, insomnias, vomitos das mulheres gravidas, coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU NINHO DAS TREZ QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescencias

XAROPE DE IODORETO CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem esclerulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento mui+ efficaz contra affecções oatarraes da bexiga, na lithiasis renal (calculu ou pedra), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos visceraes.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado cem grandes resultados.

GOTTAS ANTIODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INSPIRAÇÃO ANTI-BLENNORRAGICA. Cura em pouco tempo blennorrhagias recentes ou chronicas.

PÓS DENTIFICOS. Alvejaõ e con ervão os dentes e perfumão a bocca.

CREMA PARA MARCAR ROUPA Preta e e indelevel.

Todos estes medicamentos achão se á venda na pharmacia Gonzaga

80—Rua do Major Facundo, Ceará.

CONFUCIO

CASA FUNDADA EM 1891

Endereço telegraphico — CONFUCIO —
Telephone n. 44

31—CAIXA DO CORREIO—31

CONFUCIO PAMPLONA & C.

PROPRIETARIOS

ESPECIALIDADE de artigos para uzo domestico, desde a sala de visitas á cozinha,

de qualquer aposento, se encontra neste Estabelecimento; objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos—Fogões—Mobílias—Espelhos—Tapetes—Christaes

Louças e Vidros

FAZENDAS E ARTIGOS DE MODAS

Trens para cozinha—Objectos para escriptorio, Alcovas, Gabinetes, Banheiros, Jardins, Salões, Hoteis, Cafés, Restaurants, Igrejas, Navios, Chacaras, Clubs, etc., etc.

CANDIEIROS

Brinquedos para crianças, objectos para presentes, bebidas finas.

Mobilha-se uma casa em duas horas

Importação directa — DA FRANÇA, INGLATERRA, ALLEMANHA, BELGICA PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencia para todos os Estados da Republica

Depositos de objectos para viagens

Agencia de charutos, cha' fino e artigos de novidades

59 e 61—Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

— FORTALEZA — CEARA' —

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II |

Fortaleza, 15 de Janeiro de 1895.

| NUM. 8.

EXPEDIENTE

Assinatura por um trimestre 28000
Número avulso. 500
Pagamento adiantado.

O PÃO publicar-se-á duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 1.

SUMARIO: — *Os quinze dias*. Ivau d'Azol: — *Afonso Celso e a Padaria*; — *No Campo*, Cabral de Alencar; — *Chromos*, X. de Castro; — *Poesias contemporaneas*, José Carlos Junior; — *Medalhas*, Menexy; — *Piemto mercada*, Ulysses Bezerra; — *Bibliographia*; — *A nossa correspondencia*; — *Carteira*.

Os quinze dias

Maldito petú, o que o Anatolio nos collocou em frente no primeiro dia d'este anno.

Rescendia o perdido, que era um prazer só aspirar-lhe o odor aperitivo; senti a mucosa do estomago contrahir-se em aneias pantagruelicas... e quem pudera resistir aquella tentação?

Comprehendi então o martyrio de Eva e o seu enorme peccado.

Impulsão monstruosa me arrastava ao fructo prohibido symbolisado na meza do Anatolio por aquella ave rec e ada. Cabi na ten ação e lá se foi esophago abaixo, o maldito, a recordar a minha hepate adormecida. E não houve bourgogne ou bordeloux que regasse aquella culpa, tão grande que ainda me faz estupidamente encher uma tira de papel, occupando-me com a ave mais estúpida da criação. E que para mim o paraizo do bom humor esta perdido.

Ah!... a chronica!...

Registremo antes de tudo o bom acolhimento que o publico, sempre respeitavel, dispensou ao Pão, que

d'esta vez excedeu em tamanho, peso e massa a todos os pães do mercado.

O nosso gerente viu-se em talas para attender aos pedidos de assignaturas que lhe choviam de cada canto, formulados verbalmente ou por meio de cartões, de cartas e até de telegrammas.

Por ultimo foi o pobre Satyro, obrigado a deixar energia, declarando que não podiamos ficar sem Pão para o gasto de casa, que só podia aceitar assignaturas d'este numero em diante, para o que seria augmentada a tiragem, etc., etc.

Ealem dos elogios da imprensa, que po lem ser tidos como suspeitos, soubenos de pessoas competentes e tidas como de paladar exigente, que extertaram sobre a nossa folha conceitos extremamente lisongeiros.

Doutos e leigos, enfim, concorreram para a boa fortuna que bafejou o nosso reaparecimento.

Gente acostumada a só comer pão com manteiga, comeu-o sem ella.

Houve com excepção, quem se queixasse de falta de sal; mas o que querem os nossos leitores si o sal esta pela hora da morte? A Republica annunciou-o, no Ceara, a 500 réis o litro. Inda haverá alogio na Ceara? Si está tão caro o sal de cozinha, calculem o attico!

Dias movimentados, Festas. Anno Novo e Reis Magos, mas sem uma nota que fique recordando o que foram esses dias, caracterisados por essa consagração burgueza que se resume na exposição de uma vestimenta nova ou escovada, de um bôlo feito com economia de manteiga, attenta a carestia de genero, e n'esse insipido var vem pelos passeios, trocando as portas cumprimentos sediciosos aos conhecidos que se encontram.

Nada de tradicional que desperte a admiração ou emocione.

As Antigas lapinhas, que em sua simples ensenação d'outros tempos nos suggeriam alegrias bucolicas, offusões sadias e confortantes, enleivam-nos, transportando-nos em espirito aos tempos primitivos da era christã, seguim caminho da decadencia, desvirtuando as bellas lendas que representam, e n'uma vertigem de modernice cahem na mais chata e ridicula força que um espirito osmulambado pode imaginar.

Com um amigo fui visitar, uma qua-

lificada de deslumbrante, que illustre devoto construiu a beira do lar.

Pobre Christo! murmurou meu amigo ao contemplar o aspecto bello da lapinha, tiram-te do estabulo e lancam-te a caserna!

Com effeito alli tudo era militar. Como um preito a militarismo, vestiram o menino Jesus de cadete, Nossa Senhora parecia uma vivandeira e S. José humilde, postado a um canto tinha um ar todo de sargento.

Os tres reis magos tinham vistosas fardas de generaes, e se não usavam barrêtes phrygios tambem Coróas não traziam para que não perigassem as instituições ante tanto rei junto.

O devoto illustre, que parecia mostrar-se sympathico ao positivismo, não esqueceu, em sua minudencia de detalhes de apresentar a bandeira nacional fluctuando sobre a cabeça dos reis do Oriente, e n'ella escriptas as palavras symbolicas da vinda da Republica: — *Ordem e Progresso*.

E um dos ditos reis, aqu ille que ficava mais para o escuro, sustinha na mão uma bandeira com essa outra phrase cabalistica do positivismo: — *Viver as claras*.

E acredito que por isso, talvez, muito de proposito, collocaram o tal rei em logar escuro.

E é assim que o povo do Ceara conserva a tradição historica dos grandes acontecimentos, dando ás gracios e encantadoras lendas do christianismo a feição burlesca da epocha em que é feita a commemoração.

Boi, congos e faudangos acompanharam este anno a lapinha nos processos de adaptação. Estes ultimos procuraram por meio de paciente estudo de typos dar ao conjunto da brincadeira o sainete revoltoso. Houve até quem suppezesse vêr no almirante da rua do Imperador a figura marcial do almirante da Ilha das Cobras, e mais de um espectador affirmou ter encontrado o Sr. Custodio de Mello no meio dos figurantes, disfarçado em pardo.

Horrorosa rebelião de iconoclastas perseguie tanto as usanças e costumes nacionaes que hem nos parece não estar longe o dia em que os devotos de minha terra, n'uma exaltação entusiastica tomem de assalto a matriz da Porangaba e substituinam a corôa de martyrios do Bom Jesus dos Afflitos por uma cartola.

Com essas coisas encheram-se os quinze dias e nós enchemos a chronica e d'ella estará também cheio o leitor, si teve a paciencia de chegar ao fim, que não é chegado, pois devemos voltar ao dia de Reis, para mandar ao camarada leal e antigo que dirige o *Diario do Ceará*, a nossa queixa por ter consentido em fazer annos e nãr nos ter dado parte.

IVAN D'AZUL.

N. B. — Declaramos que quando Ivan d'Azul diz — *não nos ter dado parte* falla somente por sua conta e não em nome da Padaria, que foi convidada e tomou boa parte na festa natalicia do Serpa.

O Ivan, como sabem, vive mettido lá para a sua Villa-Tolstoi e só por fructa apparece no Forte, isso mesmo quando é impellido pela necessidade de botar abaixo a caballeira, que ameaça cobrir-lhe os hombros, ou fazer a barba, que já lhe chega prender ao cós da calça.

Dahi a sua ignorancia a respeito do dia em que os camaradas colhem mais um botão no jardim da sua preciosa existencia.

Ivan tenciona, porém, organizar um registro de anniversarios, para não perder festas em que poderá brilhar o seu valente garfo.

A REDACÇÃO.

NO CAMPO

[*Scenas da Vida ao Ar Livre*]

AO SOL

Manhã esfumada de vaporisações brancas, nevoenta como uma Phantasia allemã.

Uma nevoa fina, delicada, como pulverisação de neblina, alvejava as cousas, cortinava o campo.

Pela planicie se desenrolavam brancuras que me faziam idealisar paysagens suizasas.

Cantava, triumphantemente, nas serranias, que se esbatiam, ao longe, uma diluição de azul e de neve.

Um céu, pincelado de nuvens, fechava, cinzentemente, no alto, a transparencia do ar.

A Natureza tinha uma apparencia candida, fria e honesta para os filhos dos tropicos.

Uma immensa cortina parecia velar o deboche do verde, a luxuria da Seiva.

Manhã povoada de tristezas e de nevoas, indolente e sonhadora, inclemente para os corações abandonados, que mendigam esmolas de affectos, para os Pedro Cem do amor.

Manhã feliz para noivos, boa para plagiar idyllios de ninhos, e'n coxins de seda, em alcovas,

onde reinasse a Primavera do amor, onde gorgeassem affagos musicas de labios, onde beijos trinassem como aves maviosas, invisiveis...

Nem uma nota fulgente de ouro fazia destoar o candor d'aquella manhã branca, que lembrava puberes, mostrando a alvorada de suas formas, sob transparencias alvas de cambracia... Somente n'uns longes de serra um bocadinho de azul.

Não tinhas vindo ainda, oh Sol! tornal-a loura e quente.

A alvorada da nevoa plasticisava no campo, uma nostalgia de tua luz.

O Inverno te prohibia de apparecer, astro amado, suzerano da grande patria das estrellas!

Não tendo recebido, as tuas saudações, vesti o meu sobretudo, e sahi a passeiar em busca de alguma cousa luminosa que te pudesse substituir.

Em caminho mudou-se o scenario do campo. Desappareceu a nevoa.

Neblinava quando me encontrei com Emilia, a mais bonita serrana d'aquellas regiões. Surprehendida pela neblina em seu passeio matinal, ella estava abrigada debaixo de uma arvore.

O seu olhar illuminava a folhagem, as arvores, que me appareciam como que lavadas n'uma liquefação de diamantes.

Achei-a tão luminosa que alli fiquei...

Quando appareceste, oh Sol, Emilia aquecia-se no meu sobretudo, e eu no manto escuro de seus cabellos castanhos.

Vieste indiscretamente nos espreitar.

Emilia ao ver os teus raios, espalhados travessamente pela terra abandonou-me, deixando-me sem o calor estival daquelle morno aconchego em pleno ar livre, estival calor que só durou, emquanto a tua luz não veio, lá da patria das estrellas, visitar-nos.

Oh Sol! N'essa materia incandescente de que és formado, não ha vibrações de nervos, não ha fremitos de paixão. Ignoras o mysterio d'esse sangue, que tu fazes ferver nas veias d'um brasileiro, d'um meridional.

Não tens coração, nem temperamento, nem emoções.

Nunca sentiste o que um homem

sente junto de uma mulher bella e tentadora.

Não comprehendes o que seja amor Humano; si comprehendes, não me terias apparecido na quella manhã invernososa e fria, quando Emilia me envolvia no luar morno e sombrio de seus cabellos castanhos.

Talvez que não...

CABRAL DE ALENCAR.

(*Abdul Assir*)

CHROMOS

IV

DESCONFIADA...

*E' domingo. A tarde encantada!
Quem-se usa sons de guitarra...
—E' o pescador Manoel Barra
Que alli no terreiro canta.*

*A casinha se levanta
Naveia onde a praia esbarra.
Agora Ignaz desamarrar
Os caranguejos p'ra a janta.*

*Chega o visinho Palmeira,
Tira um nickel d'algibeira:
—Olha! — diz p'r'a Mariquinha...*

*Ella vai... toma o presente...
E esconde o rostinho quente
Na fralda da camisinha...*

V

O PINTO

*A casa é branca; o terreiro
Varrre-se todo á tardinha.
Bem junto á romeira e á pinha
Pequeno grupo ligeiro*

*Folga, sorrindo fagueiro,
() — canoetim —, Joanninha
Sua correndo e da gallinha
Piza o pintinho, fazeiro!*

*A velha Acó, que sentada
Tróca os biltros n'almofada
Ergue os ô'los e diz: — Figa!*

*Creaturinha traquina!
— Passa p'ra dentro, menino!
— Sac d'ahi, não sei que diga!*

VI

LADRASINHA

*— E' cêya quasi de guia!
Nos annos muito avançado
Aloa, magra e descorada,
Bate algodão, limpa e flá!*

*Sob o alpendre todo o dia
Vê-se branca rede armada,
N'ella a velha está deitada
Desde a aurora á Ace-Maria.*

*Cochila; encosta a cabeça...
Veni Lucia — neta traçosa —
Pega o sacco que a acó tem...*

*A velha acórda e apalpando
Agarra a Lucia, gritando:
— Bota p'ra aqui meu tintem!*

X. DE CASTRO.

AFFONSO CELSO

8 A

PADARIA ESPIRITUAL

A nossa associação acaba de conquistar uma destes galardões inestimáveis, bastante para só por si compensar toda a sorte de esforços que temos feito em prol dos nossos ideaes, verdadeira medalha de honra que d'ora avante ostentaremos como a mais preciosa reliquia da nossa trajetória pelo mundo das Letras.

Affonso Celso, o formosíssimo talento que depois de nobilitar a nossa Patria como homem politico enriquece presentemente a sua litteratura dotando-a com as suas brilhantes obras, tão merecidamente reputadas, acaba de distinguir-nos dedicando á Padaria Espiritual o seu ultimo livro *Um invejado*.

E' com o mais inexpremivel jubilo e justo orgulho que aqui transcrevemos a honrosissima dedicatória impressa na primeira pagina do livro de Affonso Celso, ao qual apresentamos os protestos do nosso profundo reconhecimento e da nossa viva sympathia.

Eis a dedicatória :

A

PADARIA ESPIRITUAL DO CEARÁ

Não tenho a fortuna de conhecer pessoalmente um só dos moços, que compõem este gremio litterario. Deduco-lhes, entretanto, o presente estudo, em signal assim de reconhecimento pelas muitas provas de immerecida consideração com que me têm distinguido, como do sincero apreço que tributo aos intelligentes esforços por elles feitos em prol das letras patrias, inspirados na bella e fecunda divisa que adoptaram Amor e Trabalho.

Aíto do Serra [Petropolis], 14 de Setembro de 1904.

AFFONSO CELSO.

Premio merecido

AO ANTONIO DE CASTRO

Aquelle creatura de pelle-rosea e macia, que conserva na physionomia os fugidios traços de uma belleza que deslumbrou, foi, por

muito tempo, a deusa incensada por uma mocidade avida de gosos e cheia de desejos inconfessaveis.

Quando ella apparecia na Avenida, alva, loira e rosea, faces rubecentes como sangrentas papoulas, exhalava-se de seu corpo um perfume capitoso e forte. De repente todos os olhares assestavam-se para ella e as outras moças pareciam desapparecer na onda de povo que passava.

Nenhum rapaz ousava acompanhá-la, mas todos conheciam-lhe a voz maviosa que se escapava de de sua pequena bocca num ciciar dulçuroso.

Seus passos cadenciados faziam o rumor que produzem as asas de uma ave cortando o espaço num vôo preguiçoso e lento.

Sem incidentes, sem um facto notavel deslisava-se sua vida.

Nenhuma paixão lhe agitava o seio ; e os dias passavam-se monotonos, infinitamente longos. Sua alma parecia um quieto lago, cujas placidas aguas é levemente enrespada por um vento brando. Jamais sentira o turbilhonar de um forte amor que lhe fosse turbar a doce paz em que vivia. Concentrava-se longos dias em seu palacete azul e sentia-se bem no aconchego do lar, ao lado de sua mãe. Raras vezes ia ao baile. Abominava o sorriso hypocrita que enflorava os labios dos convivas e as phrases banaes dos rapazes que têm paixão pela dança. Gostava mais d'essas festas intimas de familia, onde ha expansão sincera e franca.

Levava essa vida de collegial, longe do mundo, sem mesmo conhecer os interesses que nelle estão em jogo ; mas um dia um poeta lembrou-se de fazer-lhe uma declaração amorosa em versos vibrantes e correctos, e fel-os publicar num jornal. Logo que as leu encolerisou-se e numma crise nervosa rasgou-os, indignando-se com o poeta que gastara longas horas a lapidar cuidadosamente aquellas estrophes mensageiras de um anor não correspondido.

Tempos depois ella casava-se com um burguez dinheiro, so vermelho forte, de abdome dilatado e que não sabia ler.

6 de Dezembro de 94.

ULYSSES BIZERRA.

[Fricolino Catavento.]

Poetas contemporaneos

CAMPOAMOR

11

Em quanto se espalhando pela imprensa e em pequenos volumes as *Dolores* de Raimon de Campoamor, cuja versatilidade de talento e admiravel não se desviava de dar a sua actividade outras applicações, que revelam a pujança de seu multiplo talento.

Com effeito o delicioso poeta-philosopho é tambem um medico distincto, politico militante, historiador, e tem um tirocinio brilhante na administração.

Assim, ao mesmo tempo que desempenhava os cargos de prefeito de Castellon, governador das provincias de Alicante e Valencia, sub-secretario no ministerio da fazenda e deputado ás Cortes, elle publicava a sua *Historia critica das Cortes reformadoras*, um livro sobre o Espirito das Leis e os dous grandes poemas *Colombo* e *O Drama Universal*.

O primeiro é a mais fraca de suas obras poeticas: o assumpto não quadrava bem á sua indole: a descoberta da America não dá muito pretexto a dissertações philosophicas nem aos conceitos vibrantes ou pungentes que elle prodigalisava nas *Dolores*, estollhando a interminavel casistica do amor ou das contradicções do espirito humano e miserias da vida.

Para cantar os feitos de Colombo fora mister uma penna afegita á contemplação da natureza, e Campoamor se apraz muito melhor em sondar a alma humana do que em se extasiar ante os aspectos da natureza.

As bellezas do oceano e as do Novo Mundo o deixam frio, e na epopéa colombiana elle canta a mais a grandeza da Hespanha que a do genovez, injustica que se deve levar ao patriotismo.

El Drama Universal é um longo poema philosophico, uma concepção estranha, com arrojos de pensamento singulares, allegorias mal transparentes e alguns pontos de contacto com o *Ahasverus* de Quinet, ou o *Fausto* de Goethe.

Nesse vasto quadro, realçado por numerosos episodios, alguns dos quaes verdadeiramente epicos, o protagonista (Honorio) passa successivamente pela mais variada serie de transmutações que já foi concebida, no intuito de alcançar o desprendimento da obsessão dos sentidos. Depois de longas peregrinações por mundos imaginarios e de alternativas de exaltamento e descidas, uma lagrima vertida por sua mãe realisa a sua salvação.

Ha neste poema versos bellissimos e concepções admiraveis. E' de um profundo alcance philosophico a scena em que, procurando a alma de Honorio no cemiterio, um corpo a que se prenda, os esqueletos fogem aterrados ante a perspectiva de recobrar uma alma—a fonte de todas as penas e miserias.

São dignos de ser transcriptos... que digo eu?... de ser decorados, esses singelos e magestosos versos da conclusão do poema :

Almora el gran Dios, de q' estan llenos
Los cielos y los mundos superiores ;
El que enseñó a los malos a ser buenos,
Y a los buenos enseñó a ser mejores !

El q' ama al triste y el q' al debil guia,
El que cuida á las almas perdonadas,
El que cambia la injuria en simpatia,
Devolviendo á la vaina las espadas.

El fuerte a quien no hay llanto que no
ablande
El Dios que pone con bondad su mano
Entre el pobre y la colera del grande,
Entre el pueblo y la espada del tirano

III

Em todas as suz obras o que Campoamor tem de mais perfeito são os *Pequenos poemas*, composições mais recentes que as *Doloras*, mais desenvolvidas, porem concebidas no mesmo espirito pessimista.

Mais positivos ou menos symbolicos que os *Poemas em Prosa* do Turquesef, menos tragicos ou menos intentos que os *Cantos em verso* de Coppée, e os *Pequenos Poemas* de Campoamor fazem comtudo lembrar uns e outros.

Dulces cudeñas é a historia de um passarinho, cuja dona, no augo da felicidade por desposar aquelle a quem ama, entende fazer tambem feliz dando-lhe a liberdade; a pobre ave, habitua ás *doçes cudeñas*, volta e vem morrer de frio junto ás vidraças da migrata amiga. *El tren expresso*, pinfara de um desses affectos passageiros, que duram dias ou horas e siloseguilos de uma separação eterna, doixando na alma lembrança inolvidavel, é eminentemente suggestivo.

Los buenos y los sabios é o titulo de mais realista e mais pungente da collecção: é a historia de...

Mas eu estou commettendo um grosseiro crime, de que souza ser victimas contistas, narradores e... leitores — anticipando-me a destruir a impressão artisticamente preparada pelo escriptor na exposição de sua idea.

Limite-me, pois, a citar e recomendar *La lira rota*, *El amor y la muerte*, *Dichos sin nombre*, *La orgia de la inocencia*... em summa, das *Doloras* deve se ler o que for possivel: dos *Pequenos Poemas*, tudo.

Passemos por alto sobre as *Humoradas* e os *Cantares* para chegar ao ultimo livro poetico de Campoamor.

El licenciado Torralba, publicado em 1888, é ainda um poema estranho que faz lembrar por mais do um aspecto o Fausto de Goethe: do qual se distingue porem pela intensidade extrema a que no protagonista hespanhol attinge o *tedium ritus*.

Torralba foi, exactamente como o Dr. Fausto, um personagem real, extraordinariamente engrandecido pela legenda, ainda mais. Torralba e Fausto foram do numero dos muitos martyres da sede do saber, que os seculos XIV a XVI, — os seculos da luta pela liberdade religiosa e pela restauração da arte, — viram na Europa.

Campoamor, aproveitando das lendas o que ellas tinham de aproveitavel, e recompondo com o seu grande conhecimento da alma humana a individualidade desse martyre das supersti-

ções achou o assumpto de uma das suas obras mais perfectas.

Victima do excesso de estudo homem estranho e infeliz, incomprehendido na sociedade ignorante e beata, combatido elle mesmo pela creença e pelo scepticismo, o licenciado Torralba tornou-se visionario, teve allucinações, teve a desgraça de provar alguns acontecimentos politicos e a ingenuidade de o dizer. A Inquisição apoderou-se delle e o desgraçado expirou em tormentos pavorozos.

Campoamor associou á vida de Torralba o romance de uma fidalga hespanhola, como elle se tenta de ideal, e assim poudo fazer mais completo o seu estudo da alma humana em dous typos differentes.

É um quadro horripilante, de uma intensidade notavel a descripção dos tormentos inquisitoriaes, no meio dos quaes o misero doutor exclama:

Adelante!..

No pido q' me alargue un solo instante

La vida que me lligo.

Dios dió al Judío errante

La eternidad terrestre por castigo.

No *Licenciado Torralba* ainda se põe em relevo como nas *Doloras* o raro talento do auctor para realizar uma condensação de enasamento verdadeiramente prodigiosa.

No começo d'este estudo observamos que a indole de Campoamor se coadunava extremamente com o estado moral da sociedade contemporanea. É no poema de Torralba que essa conformidade melhor se observa.

Torralba, como Campoamor, e como a sociedade actual, são agitados por sentimentos contradictorios e por um estado de verdadeira perplexidade. De um lado as conquistas da sciencia positiva, de outro a saudade dos idéas, que fogem e a dor de ver que a perfeição sonhada ainda vem longe, e um futuro incerto, crea na alma moderna esse estado morbido que se resolve ora n'um pessimismo extremo, ora em um mysticismo inconsequente e as mais das vezes em um tédio atroz.

É portanto Campoamor acima de tudo um poeta do seu tempo, e não concorre pouco para isso a propria concisão, essa apurada condensação de pensamento, que é a caracteristica do seu estylo e que mais assimilaveis torna as suas obras em uma epoca em que a vida humana já se vae tornando curta de mais para a immensa mole do que temos a ler e estudar.

Fortaleza, 1894. dezembro.

José CARLOS JUNIOR.

(Bruno Jacq.)

BIBLIOGRAPHIA

I — *Cartas da Europa*, por CAMPOS SALLES. Rio de Janeiro, 1894.

Nessa litteratura ligeira, hoje tão em moda, que guarda a nota das impressões que recebe o viajante por onde passa, o livro do

Dr. Campos Salles vae ter lugar escolhido pela justeza dos conceitos, pela clareza das informações e sobretudo pelo criterio moral dos confrontos das coisas estrangeiras com as nossas.

Na decima Carta em que o illustre estadista brasileiro nos falla da Suissa, ha ensinamentos que muito nos podem aproveitar e exemplos de civica educação que a mocidade brasileira muito ganharia em seguir.

O livro ha de agradar a todos os que olêrem, e tem a grande vantagem de unir a utilidade ao agrado, o que é oiro sobre azul, e desideratum que nem todos alcançam.

É um livro cuja leitura faz bem, tempera os nervos e dá vigor ao coração.

II — *Decrepitude Metromaniaca*. XIII livro de versos do P.^o CORREIA DE ALMEIDA, Rio de Janeiro, 1894.

Si não fôra o baptisterio do P.^o Correia, ninguém lhe daria, lendo a *Decrepitude Metromaniaca*, mais do que vinte annos, tal é o humor sadio, que seus versos instillam na alma de quem os lê.

Mesmo com a vista na certidão de idade, o leitor dirá com seus botões que é falso esse documento.

O brilho e frescor da phrase, o colorido do verso onde a riqueza de rimas espanta, faz-nos ficar matutando sobre a longevidade do illustre poeta mineiro, cuja alma tem alegrias de *cardinal* e risos de creança.

A *Padaria* guarda entre as joias de seu thesouro as produções do Padre Correia d'Almeida, e da a dia mais se orgulha de o ter como seu socio correspondente.

III — *Phrases e Phantasias*, por Cloris Berilaquet, editores Hugo & C.^{as}, Recife, 1894.

O ultimo presente do eminente pensador e juriconsulto cearense vem revelar-nos um lado novo do seu talento, consagrado aos pesados labores da cathedra e a estudos de critica e sciencia de direito.

Em seus lazeres a alma de Cloris cahe em extasis pela Arte e vibrando em doces effluvios as notas tiradas da harpa esquecida, deslisa pelo mundo das *Phantasias* e nos manda em dez mimosos contos as suas bellas *Phrases*.

Como é doce e calmo o descanso d'aquelle grande espirito, onde

o *Digesto* e o *Corpus Juris* não conseguiram ainda accumular a poeira da estopadora prosa com que se reveste a grande sciencia de Ulpiano.

Seduz-nos o estylo do livro de Clovis assim como causam-nos sempre admiração e respeito as obras do mestre.

Juriconsulto, critico ou litterato, comparando legislações, esmiuçando detalhes em obras de sciencia ou lançando phrases e phantasias, Clovis Bevilacqua dá sempre cubho deslumbrante a tudo o que escreve.

E' dever nosso admirar-o e agradecer-lhe o delicado presente, que nos enviou.

A NOSSA CORRESPONDENCIA

Aos distinctos litteratos que nos honram com as suas sympathias pedimos venia para illuminar nossas columnas com as cartas que nos dirigem, cartas que versando sobre assumptos litterarios e dizendo respeito à nossa associação, têm aqui perfeito cabimento.

Que nos perdoem a vaidade de exhibirmos estes honrosos documentos que de uma maneira tão generosa corrom os esforços que temos feito para elevar os creditos litterarios do Ceará.

Aos que nos reprocharam este procedimento respondemos como Arthur Assensio por occasião de dar publicidade a uma carta de Araripe Junior: «Presinto que não hão de censurar a publicação desta carta, mas, que diabo! quem apunha uma medalha de honra pendurica no peito, e... fale quem quizer.»

Por isto aqui vão as cartas:

PETROPOLIS, 22 DE AGOSTO DE 1891.
Illustr confrade Sr. Moacyr Juvenal Commoçou-me e penhorou-me sumamente a vossa bella carta, em nome da *Padaria Espiritual*.

Consagro aos inuços talentosos e trabalhadores que constituem esse gremio litterario a mais viva sympathia.

Os generosos applausos que d'elles tenho recebido, considero-os como galardões preciosos. Esforçame-hei por mostrar-me cada vez mais digno da benevolencia com que me distinguem.

A vossa referida carta traduzio perfeitamente a disposição de meu espirito.

Parodiando Provost-Paradol, direi: — a politica, a advocacia, os negocios foram-me viagem; a litteratura é a minha patria.

Acceptei e transmitti aos vossos distinctos companheiros um cordial aperto de mão de quem pondo os seus prestimos insignificantes e a sua immensa boa vontade ao serviço da *Padaria Espiritual*, tem a honra de se subscrever, meu caro confrade, todo vosso, *Affonso Celso*.

RACUN, 17 DE NOVEMBRO DE 1891.
Meu caro Antonio Salles. Venho declarar-lhe que acceito a honra que me fez a *Padaria Espiritual*, cujos creditos, como foco luminoso de fino espirito e bom esforço, se firmaram já em todo o paiz.

Aqui estou ás ordens de meus confrades.

Felicito-o pelo interessante Retrospecto que enviou-me. Boa prosa transparente e vivaz que se ingero como se fosse um copo de refresco dos mais capitosos.

Na impossibilidade de enviar um exemplar das *Phrasas e Phantasias* a V., ao Waldemiro, ao Sabino, ao José Carlos e cada um dos que aqui me honram com sua amizade e que de mim se lembram quando atiram nos ventos do espirito as suas produções, remetto um à *Padaria Espiritual*, onde todosos quasi todos se congregam. Dê-lhes por mim o acceto tambem as minhas desculpas. Do colloço o amigo, *Clovis Bevilacqua*.

OURO PRETO, 10 DE NOVEMBRO DE 1891. *Illustr confrade*. Tenho presente o vosso officio de 26 do mez passado, em que me communicaes que a *Padaria Espiritual*, daqual sois digno l.° Forneiro, conferiu-me a insigne distincção de ser o seu socio correspondente nesta cidade.

Acceptando o saliente posto que, em nome dos vossos amados confrades, me designaes, procurei responder à confiança de que a *Padaria Espiritual* me faz depositario.

Agradeço-vos juntamente com esta distincção, a remessa que me fazeis do salitante e precioso *Retrospecto*.

Dono começo a minha missão de socio correspondente enviando à *Padaria* um volume da «Revista da Faculdade de direitos», de que sou lente, e 2 de poesias, que presumo ainda não terem sido enviados à vossa Bibliotheca.

Pego-vos que logo que reapareça o *Pão*, do qual actualmente estou em completo jejum, me envieis sempre um numero. Amor e Trabalho, Augusto de Lima. (Socio correspondente.)

MEDALHAS

IV

RAYMUNDO CORRÊA

Alma lyrical de delicado artista
Num orgunizma hostil de necropatha,
Tustado embora ao bafo pessimista,
Elle de amor de vezes se arrebatava

Mas com tal furia indomita, imprecista
Are preza não ha que se debata
Como os seu coração quando o contrista
Da vida a luta rispida, insensata.

Vel-o, é logo saber que muito soffre...
Ensur guarda do peito no barro coíre,
Maguas, em ocras fulgidos dilue-us...

E então, a musa de recolta comta,
Dominadora, ao nosso olhar assoma
Ao clunyor triumphal das ALLELUIAS!

AFFONSO CELSO

Pouco faz que voltou ao velho ninho
Das Lettras, ao sollara voz canoro,
Do applausos um fremente borborinho,
Faz-se acoutar pelo paiz em tórri.

Sim, afinal voltou-nos o Affonsinho,
Alma vibrante, candida, sonora
Que com tanto feror, tanto carinho
Formosas Rimas escreveu OUTORA.

Vêde como ao seu masculino talento
Deu tão bella feição o soffrimento
Que de tristeza as obras lhe polioithn.

Preciso é ter nos pulsos uma algema
Para escrever o tragico poema,
A epopéa de dores—MINHA FILMA.

VI

COELHO NETO

A coldasal brasileira Natureza
N'uma inflitron-the fluids mysteriosos,
Dotou-a com tão prodiga largueza,
Deu-lhe dons tão extranhos, tão preciosos,

Que a gente fica pauida, surpresa,
Quando ooz, com casares victoriosos
Abranger toda a insolita grandeza
Da intelligencia, em saltos prodigiosos

As mil cordas diversas da alma humana
A sua mão dedilha altiva e ufana
Sem tragoas, sem hyalos, sem cancrias.

E em seisceiros jogos malabares,
Vai atirando joias pelos ares,
— Estrelas para as lettras brasileiras!

MOACYR.

CARTEIRA

A NOSSA RECEPCÃO

Não podia ser mais gentil o acolhimento que nos fizeram os nossos collegas d' *O Ceará Illustrado*, d' *A Republica*, do *Diario do Ceará*, e d' *A Verdade*.

A todos agradecemos penhoradissimos as honrosas noticias que deram a nosso respeito e que não transer vemos por falta absoluta de espaço.

Egualmente agradecemos a *A Republica*, do Pará, ao *Diario de Pernambuco*, *Correio Mercantil*, de Macaé, e outros as honrosas referências que previamente fizeram ao nosso reaparecimento.

EÇA DE QUEIROZ

Desmente-se a noticia de ter estado doente o insigne romancista Eça de Queiroz, cujo estado de saude é excellento, afirma telegramma de Paris para a *Gazeta de Noticias*.

E' com o mais vivo júbilo que transmittimos esta boa nova aos nossos leitores, que de certo votam ao eminente escriptor portuguez ardente e affectuosa admiração que soem despertar no

espírito das pessoas de bom gosto os seus admiráveis trabalhos litterarios. D'aqui enviamos a Eça de Queiroz o nosso abraço de congratulação por ter escapado ao barão do... telegrapho.

JOSÉ DE ALENCAR

Já se realisou parte dos festivos promovidos com o fim do auxiliar a crecção do monumento a José de Alencar.

Falta apenas levar-se a effecto concertado e o bando precatório cuja execução está a cargo da Academia Cearense, Centro Litterario e Padaria Espiritual.

Lembramos aos nossos collegas a necessidade do apressar-se a realisação desses compromissos afim de remetter-se logo á commissão fluminense o obulo do Ceará para a bronziificação da memoria do auctor de *Iracema*.

Que se faça sem mais demora uma reunião das tres associações para se traçar um plano do que falta fazer.

JUSTINIANO DE SERPA

Fez annos no dia 6 do corrente o illustre jornalista J. de Serpa, redactor chefe do *Diario do Ceará*.

O Centro Litterario festejou esse acontecimento indo fazer-lhe em casa uma esplendida sessão na qual se fez representar a Padaria Espiritual pelos seus membros Sabino Baptista, Ulysses Bezerra, Carlos Victor o Roberto de Alencar.

Além de algumas produções suas, leu Sabino Baptista as seguintes quadras de Moneyr Jurema:

(1) NATALICIO DO SERPA

Eu venho, em nome d'O Pão,
Trazer-te, oh Justiniano
De Serpa, uma saudação
Por fazeres mais um anno.

Não quero ser indiscreto
Perguntando entre rapazes
Qual o numero secreto
Das Janeiras que hoje fazes.

Não são poucos, com effecto,
Mas calcular ninguem pode
Pois nada diz a respeito
O teu frondoso bigode.

Disse-me-lha pouco um rapaz.
—Que biographo bizarro!—
Que tu carregaste barro
Para a igreja do Aquiraz!

Affirma um meu conhecido,
E affirmação com muito affeco.
Que tu já eras nascido
Na secca de vinte e cinco.

E ha mesmo quem jure até
Que já sabias falar
Naquelle tempo em que o mar
Chegava á praça da Sé.

Não sei, mas creio que ha nisto
Muito exagero e maldade,
Portanto não mais insisto
Em descobrir tua idade.

Tens talento, e é quanto basta
Pois o talento é diamante.
Que a ferragem devorante
Do tempo morde e não gasta.

Tens n'alma a chamma sagrada.
Que affronta o tuffo das eras
E illumina a tua estrada
Com clarões de primaveras.

A tua ardente palavra
Nas almas das multidões.
E' como o incendio que livra
Nas florestas dos sertões.

A tua penna brilhante,
Da fúria dos astros cheia,
E' um gladio relampejante
Abrindo caminho á Ideia.

E apesar da tempestado
Das rudes luctus da vida,
Conservas a alma florida
De doce affectividade.

Pois bem—nos compartimentos
Mais puros do coração
Guarda os cordões cumprimentos
Dos teus amigos d'O Pão.

6—1—95.

Terminou a sessão á tarde, seguindo-se o jantar, que esteve delicioso e deu lugar ás mais cordiaes saudações entre os convivas.

O Serpa e sua Exma. familia captivaram a todos pela extrema gentileza com que os tractaram.

Uma festa encantadora.

A NOSSA SESSÃO

Em casa de Moneyr Jurema, realisou-se, sexta-feira ultima a nossa sessão semanal.

Estiveram presentes diversos membros do Centro Litterario e o Dr. J. de Serpa, redactor-chefe do *Diario do Ceará*.

Leuram-se telegrammas de Padeiros ausentes e cartas de Gaveia Redondo, Olavo Bilac, Araripe Junior, Elyseu Cezar e um soneto do Padre Corrêa de Almeida dedicado á Padaria.

Apresentaram os Padeiros as seguintes produções:

O *exame primario*, conto de Lopo de Mendoza; *Misanthropia*, soneto de Marcos Serrano; *Impressões de Acc errante e Estátua*, versos de Guilherme de Miranda, socio correspondente ao Pará; um trecho de prosa de Benjamin Cajuby; *Adeus*, soneto de Anatolio Gerval; Carta em que Alcino Bandolim, ao seguir para o Pará, se despede da Padaria, e um artigo de Bruno Jacy sobre Campoamor.

Vianna de Carvalho, do Centro Litterario, leu alguns trechos do poemeto *Coração*, de Rodrigues de Carvalho, recentemente publicado pela mesma associação.

Terminou a sessão pela leitura do artigo de Strindberg, —(1) *caso na producção artistica*, publicado na *Revue des revues*, traduzido ao *correu da lingua* por Bruno Jacy.

A SEMANA

Não temos recebido pelos ultimos vapores a interessantissima revista de Valentim Magalhães, ora confiada a

criterosa e incansavel direcção do sympathico Max Fleiuss.

Subiamos que *A Semana* in passar a novos proprietarios, e foi isto sem duvida que determinou a sua suspensão, que, esperamos, seja a mais breve possível, pois a pupilla do Valentim gosa da mais ardente sympathia entre a mocidade do Norte.

O PAO

Devido a ter-se esgotado completamente a tiragem do numero antecedente, com que *O Pão* fez o seu reaparelhamento, só podemos acceriar assignatura a contar deste numero.

Promettimos porém fazer mais tarde uma reedição do numero 7 para que não fique truncada a collecção dos que tomarem assignaturas agora.

CARLOS VICTOR

A Padaria vai se privar por algum tempo do excellente concurso de Carlos Victor, que seguiu para Baixo (Pará) onde exerce as funcões de promotor de Justiça.

Bons ventos levem o Carlos e o reconduzam em breve ao seio dos seus collegas que tanto o estimam.

THEOPHILO MOURA

Em compensação, chegamos do Rio o Padeiro Raymundo T. Moura, 3.º annista da Escola de Medicina e tenente do Batalhão Benjamin Constant, posto em que prestou grandes serviços á causa da Republica.

Th. Moura vem commissionado pela Associação de Acclimação, para fazer propaganda dos fins da sociedade e adquirir elementos de um jardim botânico e zoologico que a mesma pretende crear.

Um effusivo abraço ao distincto camarada.

MISSA

Por alma da Exma. Sra. D. Maria Magdalena Baptista, pranteada irmã do nosso querido Sabino Baptista, fallecida a 17 do mez passado em Teixeira (Parahybã), celebra-se no dia 17 do corrente uma missa, na igreja do Patrocinio, ás 6 1/2 da manhã. Para essa piedosa homenagem convidamos a todos os nossos collegas.

João Lopes

Foi passageiro do ultimo vapor do sul o eminente jornalista e pujante orador João Lopes, deputado pelo Ceará, que com sua Exma. familia vem passar entre nós as ferias parlamentares.

João Lopes é um bememerito das nossas lettras, ás quaes deu novavel impulso quando dirigiu o *Libertador* e presidia o antigo Club Litterario, de que foi órgão a inolvidavel *Quinzena*, onde terçaram armas os nossos melhores talentos.

A Padaria Espiritual é toda braços para cingir ao querido amigo no mais effusivo e fraternal amplexo.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbianna de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição. etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescências.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarraes da bexiga, na lithiasis renal (calculos ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do san ue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamento achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

80. Rua do Major Facundo—80, Ceará.

Aguiar

O proprietario desta ac editada loja de modas apressa-se em trazer a sua amavel frequencia as suas saudações, fazendo votos para que tenha as mais venturosas festas.

E a proposito de festas, cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69. RUA MAJOR FACUNDO. 69

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza-

PROPRIETARIO.

Manoel Pereira dos Santos.

108 B - Rua Formosa - 108 B

GRANDE LOJA DE JOIAS

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relogios de ouro, de prata e nickel, para algibeis a, ingleses, americanos, suissos etc, etc, Relogios para paredes e banca, despertadores de todos os preços. Lunetaria superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas. preços sem competencia.

Jacques Weill & C.

70 RUA DO MAJOR FACUNDO 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44
31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C.

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uso domestico desde a sala de visitas á cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte
RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencias charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61— Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO
— FORTALEZA —

«Estrella do Oriente»

Este emporio de modas contiua a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52— Rua do Major Facundo—52

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA INGLEZA

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga Agua Inglesa em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tonico, anti-febril é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem. Narcotico peitoral de unico composto Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite, asthma e toda affecção pulmonar.

FRAÇA DO FERREIRO N.º 6.

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a preço fixo.

54. Rua Major Facundo, 54.

A'S NOVIDADES

Reabriu-se á concorrência este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinilharias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios.

CASTRO SILVA & C.

56—Rua Major Facundo—56

Oliveira Rola

Agente de

LBILÕES

Encarrega de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições as mais vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES

Gerente—SABINO BAPTISTA

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Fevereiro de 1895.

N.º 9.

EXPEDIENTE

Assignatura por um trimestre 28(000)
Numero avulso. 5(000)
Pagamento adiantado.

O Pão publicará-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcrevem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n.º 1.

•SUMARIO:—Os quinze dias, Moacyr Jurema:—A Padaria Espiritual, Padre Corrêa d'Almeida:—Tística, A. Theophilo:—Chronos, X. de Castro:—A infancia outrora e hoje, José Carlos Junify:—Misanthropia, R. Theophilo:—A rival. C. de Alencar:—Medalhas, Moacyr:—O Prato de Julinho, Bruno Jacy:—Ave errante, G. de Miranda:—Sombra e Luz, Bento Ernesto Junior:—Bibliographia, M. J.:—Atossa correspondencia:—Carteira.

Os quinze dias

— Você dá a chronica para este numero, disse-me o Satyro, o sugueitinho mais implicante que já tenho conhecido.

— Pois sim, respondi-lhe eu, com ar de quem achava a coisa mais simples do mundo fazer uma chronica.

Mas depois que liquei só, puz-me a sondar as fonduras em que me havia metido.

Dei balança á quizenza e achei-a quasi tão magra como a carne que a criada nos traz do mercado por um preço que não registro aqui para não entristecer nos leitores.

Disse-lhe pouco um dos mais encantadores chronicistas fluminenses que para fazer-se uma chronica não se precisa de assumpto, mattemontemente de pennão, papel e tinta.

Qual nada, senhores! Isto de chronica é como sacco—vasiu não se põe em pé.

Orn aqui tem vobzemosmés este seu creado com uma *dos pennão* *Missiat*.

uma pilha de tiras, tinteiro cheio e alguns charutos inda por cima— a chronica não vai mesmo nada.

— Não podendo attribuir isto á falta de talento, o que seria um excesso de modestia, attribuo á falta de ar produzida pelo insolito calor com que a atmosphera nos tem mimoseado nestes ultimos dias.

Tudo bufa e tudo súa nesta encantadora e incandescente cidade, cuja temperatura assa a gente em vida e... da assumpto ás visitas e aos chronicistas, que, infelizmente, porém, não tem como estas; o direito de se occupar da vida alheia, falando em casamentos, dizendo que era horrivel o chapéu com que Fulana foi ao Passeio, contando as graças do bebô ao ascaturrices da sogra.

Si ao menos chovesse, teria eu com que encher a chronica e... as jarras, para gaudio dos leitores e do meu estomago, que prefere agua coada no ralo das nuvens á ditta passada pelos filtros Pasteur.

Mas o inverno está mauhoso, emulito commerciante que vendem fiado para o centro já olha apprehensivo para o céo, que parece a « candente abobada de um forno ».

Nós outros, os poetas (hum! hum!), andamos tambem desconsolados com esta sequidão, que cresta a floresta (ahi vai rima), emmudece as aves, secca as fontes e leva o terror á alma do pobre sertanejo, já amedrontado pelas perfidias deste formoso e inclemente céo da terra de Iracema.

Nós os poetas (isto é que se chama *empuxar*) esperamos ansiosamente que este céo de bronze pintado de azul desentupa os crivos e mande á terra o balsamo das suas aguas bernfesejas.

Queremos ver essas campinas estreladas de chuanas e malvas, forradas da pellicia verde da grammia, sonorisadas pelas notas de clarim dos gallos *do-campina* e pelo tururinar nostalgico das rôlas.

Queremos ver os páos-brancos cobertos de flores alvissimas, como gigantescos ramilhetes de noiva, as carraúbas de flores amarellas—enormes brochos tremulantes, d'ouro,—e enfiadas enfim todas essas arvôres que pelo inverno se enfeitam de joias multicores e saltam no espaço ondas de perfume capitoso e morno...

Sim, havemos, ou, pelo menos, eu hei de ver e gozar tudo isso, porque Deus não ha de ser tão inau que nos

falte com o inverno, e eu não sou tão tolo que me deixe ficar enjaulado nesta audorifica e vaporifera cidade.

Fico o que, minha gente!

O Giordano e o Mendoza que trem logo de arranjar mais um taller, porque ao fim da primeira semana de inverno irei comer-lhe os pirões o bober o leite das vacas de que tenham feito acquisição por meios licitos ou illicitos.

Si não tiverem taller é o mesmo, irei sempre, porque para comer feijão e carne assada no espeto, o taller não é de todo indispensavel.

« O sério!... Conhecem vocês nada mais paradisíaco do que o sério central use pelo inverno? »

Ha como que tma resstricção em tudo.

De um solo calcinado e poirento brota de um dia para o outro uma vegetação luxuriante e caluro: correm os rios; enchem-se os açudes; os grandes curraesdas fazendas regorgitam de gado, e pelas amplas varzous, de um verde de hortaliças, saracoteram de cauda no ar os nêlios poltos indomados...

Só a gente pensar em banhar-se no rio ou n'um grande açude ericado de picaviras e estrelado de nenuphars resedentes, respirar o ar generoso das matias floridas e em segreda sentado nos pios da porteira, ingerir uma grande cuia de leite com um *capucho* desta altura... Ai! ai!

E inutil-vocês insistirem, porque eu não fico.

Isto de escrever chronicas, beber cerveja Franzkauer, dançar no ha-cema ou no Cearense, andar de collarinhos texos e capatos lustrosos, não bota ninguem para diante, não, meus caros.

Já disse á rapaseada cá de casa que me arranjaso substituto por tres mezes, prazo maximo de uma licença que se pode obter com 2/3 do ordenado, tendo protecção, está visto.

Estou convencido de que O Pão não se substituirá com a minha ausencia, alias sensivel, porque já ganhou fama e tambem dinheiro bastantepara pagar a typographia.

E ainda que se cumtisse—antes elle do que eu, não acham?

E' asneira meterem-me em t.ira, porque não a substituem nada d'este mundo.

Nem resa de Padre Santo me faz ficar Moacyr Jurema.

Na intuito de liorar do captivoiro os homens do cbe práta e de cõrarda, o heroico Ceará foi o primeiro a collocar-se a frente na cõnguarda.

Exemplo humanitario cerdadeiro, o redempção completa lá não tarda; realisa-se o facto lisongeiro, sem fumaça de tiro de espingarda.

Quem sabe se tambem ao Creanser, intelligente raça, hoje pertence nus lettras alcançar a primasia?

De espirito e criterio alguns rapazes entregam-se ao estudo e são capazes de incentar illustrada Padaria.

Barbacena (Minas-Geraes), Dezembro de 1894.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

TISICA

AO EDUARDO SABOYA

I

Fez-me pena vel-a, por uma calida tarde de verão, esfusante, com scintillações, lungidamente recostada n'uma larga cadeira de assento de linho bordado.

Uma tristeza immensa, — tristeza de fazer a gente chorar, — estampava-se no rosto livido, comprido e formoso da doente.

Sentia-se bem assim, no jardim: aquelle ambiente remimava-a; tinha repugnancia ás flanelas, ás macias flanelas limpas do seu cobertor, da sua cama, da sua roupa, do seu uso inteiro.

Ao menos no jardim não estava vendo os horripilantes rotulos dos frascos de remedio, com virtudes impossiveis, dietas insupportaveis e cheiros

II

O seu espirito assim, á doce mudez provocadora do silencio do jardim alchoando de rosas e resedás olorantes, fugia, n'um vôo allucinado de pomba erradia, para longe... para muito longe, para um mundo espirital, que a sua nevrose excitada encherçava, via, delincava. E a pobresinha vivia d'aquellas chiméras, sonhando com o noivo, que tinha ido, havia muito tempo já, formu-se: em medicina. Julgava-se boa, alegre, a pipilar umas ignotas musicas imprevisitas, a fazer idyllhos sob carantanchões perfumados, boijando febrilmente o noivo e repetindo, com incendios nos combustos olhos de rapariga formosa:

— Meu amor, amo-te, amo-te.

E os nervos retosavam-se, obelhecendo aquella brasa e intempestiva excitação nervosa, para depois cahirem n'um freixo acobardim ento de morte, de aniquillamento.

III

A's vezes tinha nostalgias da infancia, revia-se pobre e feliz, no aconchego venturoso do seio da sua cariciosa

mãesinha, tão boa, tão santa e que a morte impiedosa lhe tinha arrebatado, havia dez longos annos. E sentia-se velha.

— Desesais annos! desesais annos e velha e mórta!...

IV

O Bull — um cõosinho felpado, gordo e catita — era o seu companheiro das silenciosas tardes do jardim.

Como ella invejava a carnacão sadia e vigorosa do animal!

E tinha impotos de machucal-o, de mordel-o, de estrangulal-o, de beber aquelle sangue robusto, n'uma ancia suprema de allucinacão e de febre...

A inveja roia-a. Odeitava a seiva, a exuberante seiva oriental das flôros viciosas, a penugem macia das folhas de velludo bordadas.

V

Mas tossia muito... tossia sempre. Quando ella se retirava, o chão alastrado de escarros parecia todo coberto de libras sterlinas.

A pobresinha aniquillava-se.

VI

O medico, que a começo lhe apparecara como um anjo salvador, ia-so-lhe tornando antipathico com as suas prescripções, acompunhadas de interminavel rosario de termos medicos e citações enfadonhas de nomes das maiores notabilidades scientificas.

Tinha ancias de liberdade, mas da liberdade absoluta e selvagem das gazellas, ou das jacanãs da lagoa.

E estremeçia quando a chamavam para a refeição: tinha horror ás comidas e repugnancias invençiveis ás saborosas iguarias da sua meza fidalga demozza rica.

Tinha velleidades tontas de comer manjares exquisitos, provocantes, de um sabor requintado, regado com vinhós energicos... Devi fazer-lhe bem, pensava.

VII

Mais tarde.

Vi-a na cama muito pallida, como estatua de cêra, emoldurando-lhe o rosto livido de alabastro uma longa cabelleira sem lustro e sem vida.

Tossia fracamente.

O ultimo periodo da consumpção chegava, n'uma lentidão suave e preguiçosa, aniquillando aos poucos a graciosa carnacão eburnea de virgem.

A myriade anonyma dos microbios vorazes fazia-lhe no fragmentado pulmão o ultimo festim, n'uma dança macabra do allucinacão e do loucura, fazendo pulsar entre as rendas da camisa alva, desordenadamente, o pequenino coração da moça.

Tudo sem brilho já; apenas os olhos conservavam o extranho fulgor das inclementes tísicas fatias.

No quarto, pessoas da familia fallavam baixo...

Subito, um jaeto de sangue derramou-se pelas rendas alvas da camisa.

Tinha morrido.

E um raio garrulo e travesso do sol vinha, atravez do cortinado rendado, illuminar o pallido rosto sereno da tísica.

Julho de 94.

ARTHUR THEOFILO.

CHROMOS

VII

NATAL

*E' hoje noite de festa.
Na casa reina a alegria.
Desde quasi meio dia
Que p'r'arrumar nada restu!*

*Diz Rosa: Julia, me empresta
Tou fchá. — Corre, Maria!
Vamos p'r'a missa. Anda... Espira
Si o meu cõosinho presta...*

*Veste o corpo do cambraia,
Aperta o cordão da saia...
Anda, mulher! Com quem fallo?...*

*Passa banhe na pastinha...
Segura bem essa anquinha...
— Tu olha o bico do gallo!...*

VIII

A'S AVE MARIAS

*E' sem rebô o a casinha
Dr palha, no alto erguida;
D'alli ao ouco na ernida
Toda inteira a ladainha.*

*Tomba o sol. E' já tardinha.
Sentada—a esteira estendida—
Dá cafunés, catetida,
A pecha Acó na netinha.*

*Tôca o sino a—Ave-Maria—
Ella diz:—Ouve, Lilia?...
Vamos a andar a luz...*

*Pôr as mãosinhas iguaes,
Dize:—Louado sejas,
Oh! doce Mãe de Jesus.*

IX

DEPOIS DO BANHO

*O sol ha pouco surgira;
Ella einha do quintal...
Assustou-se, mal o vira
E occultou-se no acental...*

*De rosa, de séda e neve
Seu collo d'aleo frescor
Molhadinho assim de keor...
—Era em neblinas a flôr...*

*Elle lhe disse:— Que aleura...
Nunca ni manhã mais pura...
Tanto Amor... mais luz n'Aurora!*

*Ella, nas murtas pisando,
Lhe disse, rindo e cõrando:
— Nem tem graça!... Vá-se embora!*

X. DE CASTRO.

A infancia outr'ora e hoje

Um dos aspectos mais caracteristicos do nosso tempo está na importancia sempre crescente, poderíamos dizer mesmo no ascendente, que tem adquirido a infancia nas relações da vida social.

Quando vemos a solicitude com que no mundo inteiro medicos e hygie-

nistas portiam em estudar os meios de garantir e alogar a vida das fragoas creancinhas; quando vemos e cuidado e o escripto trazido aos estudos e experiencias pedagogicas no sentido de minorar a esses pequenos seres os esforços e as fadigas do estudo; quando, na legislação dos povos modernos, vemos a multiplicação das medidas tendentes a proteger e assistir a infancia desvalida e garantir os direitos naturais da criança contra parentes desnaturados — que, para honra de nossos tempos já constituem hoje uma rara excepção: — quando, enfim, percorremos a extensa litteratura exclusivamente infantil, que em cada uma das grandes nações civilisadas entrega ao publico annualmente centenas de volumes e revistas devidos a pennas primorosas, com o concurso esmerado da gravura e dos aperfeiçoadissimos recursos da arte typographica; é natural indagar da condição da infancia nas diferentes phases da vida da humanidade e é consolador verificar que d'esse um dos pauros assumptos em que se tem realizado verdadeiro e incessante progresso, ou em que a marcha ascendente da civilisação tem sido regular e efficaz.

Ha tres ou quatro annos que um escriptor, parodiando a celebre phrase de Sieyès, diziu: « Que era outrora a creança? — Quasi nada. — Que se tornou ella hoje? — Tudo. » (1)

Sirvam estas palavras de epigrapho ás linhas que se vão seguir.

Si a vida do homem primitivo se nos affigura horrivel, hedionda, si o nosso avô — o homem das cavernas, imundo, hirsuto, egoista e sanguinario, somente nos inspira repugnancia ou compaixão, que cousa podemos nós imaginar mais miseravel que a sorte que então deviam ter as creanças em tenra idade?

Difficilmente podemos conceber por que prodigios de adaptação, porque luta selectiva e á custa de que pavorosa mortalidade era possível á tenra prole da humanidade incipiente vencer os mil perigos que a rodeavam a ponto de sobreviver um numero sufficiente para a conservação da especie.

O Dr. Luiz Robinson, estudando á luz das theorias darwinianas a vida do homem primitivo, procura por meio de alguns caracteres, singularmente persistentes na infancia ainda hoje, em raças muito diversas, estabelecer alguns dos factores principaes da sobrevivência infantil na humanidade prehistorica. É nada tem de bello o quadro que elle, si não traga, nos deixa entrever, das misérias e perigos que rodeavam a infancia n'aquellas eras.

De todas as investigações e estudos feitos em tal sentido, resulta a convicção de que, nessas epochas sombrias da vida da humanidade, os sentimentos affectivos dos paes para com os filhos eram tão rudimentares que nem lhes podiam com exactidão applicar o nome de sentimentos.

Em quanto as primeiras sociedades

não se esboçavam e, pela composição e permanencia da familia, ainda o homem não se distinguia dos outros animales, durando as relações entre mãe e filhos (seria arriscado dizer — entre paes e filhos) somente até que estes se achassem aptos para procurar por si a subsistencia, é claro que a affeição maternal não passava de um episodio de pouca duração.

Deixemos, porem, essa phase negra e incerta, que ainda não pertence propriamente a historia da humanidade e vejamos na sociedade primitiva o papel que podia representar a creança.

Embarrasado fardo, verdadeiro estorvo para os paes, o filho constituia para elles uma causa de inferioridade na luta pela vida.

Conduzido em sua companhia, estorvava-lhes os movimentos, a agilidade, a fuga; deixando na caverna, enquanto iam buscar, ás vezes longe, os meios de subsistencia, ficava exposto a mil perigos. Segundo o Dr. L. Robinson (2), a tendencia que mostram as creanças em geral, para apunhar os pequenos objectos e levá-los á bocca, é uma reminiscencia persistente dessas eras, em que a omnivoridade era um factor da selectão vital; a intensidade dos gritos da creança nós lembra igualmente a pouca sensibilidade dos paes ante o apello infantil; assim tambem certos terrores instinctivos da creança, explicaveis unicamente pela persistencia hereditaria de certos factores da selectão natural, ainda nos dão uma idea da triste situação da infancia nos tempos primitivos.

Estas supposições, porem, baseadas nas doutrinas transformistas seriam meras conjecturas, si não fossem confirmadas pelo que se observa ainda hoje nos povos que occupam logar mais baixo na escala da civilisação.

Na tribo, que representa já uma organização social muito adiantada, com relação ao homem primitivo, si as relações dos individuos entre si, já se acham muito modificadas, ainda a situação da infancia continúa tão precaria que se pode dizer que em nada lhe aproveitou esse primeiro e grande passo dado no caminho da civilisação.

Os sentimentos affectivos apuram um pouco, é verdade, pela permanencia da familia e pelo reconhecimento da paternidade, mas si, por um lado, a infancia ganhou nos cuidados que lhe eram prestados, um novo mal, em compensação veio recahir sobre ella.

Os interesses da communidade frequentemente exigiam a limitação da prole, ou mesmo o sacrificio dos pequenos, toda vez que o seu numero excedia ás forças da tribo ou lhe embaraçava a rapidez dos movimentos.

O aborto, o infanticidio e o abandono das creanças foram tão largamente praticados na antiguidade e o são ainda em tão grande numero de povos que não se pode duvidar que fossem factos sociologicos muito naturaes e determinados por motivos fortes e ineluctaveis.

11

Entre os australianos, embora sejam

(2) « North American Review », 1831 Outubro.

as mães em geral afeicoadas aos filhos, facilmente os abandonam muitas vezes no meio do perigo, e conta-se que alguns indigenas utilisavam para iscar os anzós a carne dos proprios filhos, mortos adrede. (3)

Os Fuégianos vendem os filhos como escravos, os indios Chonos matam-n'os em um accesso de cólera por uma falta qualquer; segundo Falkner, os Patagões trocam-n'os por aguardente; os indios do estreito de Magot, no dizer de Bancroft, jogam os filhos; segundo Simpson, os Pi-Edes trocam os seus por fazendas ou quinquilharias; entre os Magensis, diz Schomburgk, o preço de uma creança é o mesmo de um cão (4).

Referindo-se a estes factos, Herbert Spencer explica-os pela « necessidade de minorar a massa total dos soffrimentos, impostos pelas condições da vida selvagem n'uma região estéril. » Seja porem qual for a sua causa, elles dão testemunho da miserrima condição das creanças nas sociedades primitivas.

E longa demais seria a lista dos povos antigos e modernos, entre os quaes o aborto e infanticidio eram ou são prescriptos ou tolerados. Na Tasmânia, na Australia, na Nova-Caledonia, na ilha Formosa, na bafía do Hudson, nas bacias do Prata, do Orinoco e do Amazonas (5) o aborto era ratificado em grande escala pelos indigenas. O infanticidio é ainda mais frequente. Praticava-se em quasi toda a Oceania, em quasi toda a India, entre os Esquimós da America e da Asia e os Pelles-Vermelhas na America Meridional e Central. (6) Marco Pólo já o refere como frequente na China e o Padre Hue e S. Mas o confirmam e ainda hoje é notoria a facilidade com que os chinezes vendem os filhos, transacção aliás permitida pelas suas leis.

Em alguns povos selvagens, morrando a mãe, com ella se enterra o filho que ainda mama. Nas ilhas Fidji, o morticínio das creanças eleva-se a mais de duas terças.

Nas civilisações semíticas, a condição da infancia tem já melhorado muito; no entanto sabe-se quanto era agradável ás divindades phenicias o sacrificio de uma creança. Aos hebreus mesmo não eram extranhos tales sacrificios, como se ve do Levitico, cap. XVIII, v. 21, cap. XX, v. 2; IV L. dos Reis, cap. XVI, v. 3, cap. XXI, v. 6, cap. XXII, v. 10, Jeremias, cap. XIX, v. 5, Ezequiel 31, XXIII, 37 e 39.

Tambem entre os hebreus era licito vender as proprias filhas (Exodo, C. XXI) e o filho que desobedece ao pae podia ser apedrejado (Deuteronomio, c. XXI, vv. 18 a 21).

(3) H. Spencer: *Principles of Sociology*, 3.^a P., cap. XI; Angus: *Natural History of Man t. II, p. 74*.

(4) H. Spencer: *loci cit.*

(5) Letourneau: *Sociologie*; De Roelas: *Nouvelle Caledonie*; P. Mantegazzi: *Rio de la Plata*; Humboldt: *Reisen in die Aquinoktidalgegenden*.

(6) Spencer, *loci cit.*; Letourneau: *Evolution de la Morale*; Veron: *La Morale*.

(1) Vallery-Radot: *Sentiments de famille*, na « Revue Politique et Littéraire » 1831.

O sacrificio de Abraham e o de Jephthe niada nos mostram a pouca intensidade da philogenitura entre os hebreus.

Na Grecia antiga atada o infanticidio era largamente praticado: Lycurgo, preoccupado unicamente em organisar um povo forte e aguerrido, prescrevia-o para todas as creanças que não fossem bem conformadas e robustas. E não era somente em Esparta que se procedia assim. Todas as cidades da Grécia, quando não o exigiam, toleravam-n'o.

Apenas Thebas constituiu uma nobre excepção, prohibindo e punindo o sacrificio, mesmo dos fracos e mal-conformados, e essa sentimentalidade não impediu que os thebanos aniquilassem em Leuctres e Mantinóa o poderio e prestigio dos rijos e insensíveis espartanos e alcançassem a preeminencia sobre os outros gregos que praticavam largamente sobre as creanças a selecção artificial.

Gená—Janeiro—1835.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

MISANTHROPIA

*Não se porquero risos m'entristecem,
Me faz scismar dos outros a alegria;
Cabe m' alma em lethal melancolia
Quando turbas risos has me apparecem.*

*Os murmurios das festas me aborrecem
E do tedio á visão negra e sombria
Ressuscita a mortal misanthropia
E os esperanças todas desaparecem.*

*Então minha alma triste cabe no horto,
Chora a última illusão, q' foge esquiva,
Do pobre coração já quasi morto.*

*Nóo retiro, só a voz dos ermos
Com sua graciedade suavisso
As doras d'esses miseros enfermos.*

Alto da Bonança.

RODOLPHO THEOPHILLO.

A RIVAL

Chorosa, pallida, magoada ella vivia depois que Raul voltára. Via-o sempre esquivo, distraído, o olhar atravessado do nostalgias, o pensamento fixo como que em cousas longinquas, o semblante triste, d'uma tristeza onde parecia haver a espiritalidade sombria d'um sonho desvanecido.

Soffria. As heroicas esperanças que durante tanto tempo viveram em seu ser, trahidas agonisavam, enluctando o seu amor abandonado, retransido do desenganos e de duvidas.

Havia pela sua existencia o rumor violento, emocional dos grandes desmoronamentos.

Raul, não a amava mais.

Esta verdade cruel fustigava-a com a dureza fulgente e implacavel de um sol africano sobre um areal infinitamente vasto e dese to.

Agora pelo seu coração vazio de illusões, vagueavam somente as evocações d'um passado feliz.

Outr'ora quando ella tinha quinze annos elle amava-a muito. Passavam dias inteiros contemplando-se. Demanhã namoravam-se aos sol.

Nas tardes estivaes, nas tardes em que havia no azul como que um desabrochar ethereal de rosas e violetas, passejavam...

A noite, ao luar, diziam confidenciaes e miravam-se ás estrellas.

Os cantos sonoramente cantavam nos telhados de sua casa, fazendo ninhos... e ella feliz então, não os invejava.

A seis annos ellé partira.

Voltando, apagara as promessas e as creanças que deixara rutilando na sua alma.

Nunca mais Raul lhe sorriu ternamente, nem lhe fallou como nos tempos passados, dirigindo-lhe palavras que vibravam tremulas, amorosas e quentes nos labios d'elle.

A sua dedicacão, a persistencia impaciente de sua paixão, tinham sido compensadas por uma desillusão atroz.

Consumira sua mocidade esperando e amando sacrificadamente.

Ao pensar em tudo isso chorava... e as suas lagrimas, como gottas de orvalho sobre flores emmurchecidas, scintillavam na pallidez do seu semblante, constelando dolorosamente a sua belleza extincta.

Elle amava talvez outra. Essa id'ea fazia sua alma coroar-se de amarguras extranhas, haurir taças de eume e de odio, sentir commoções dantescas.

E um dia resolveu interrogar-o para saber por que era despresada. Quiz stoicamente ouvir-o pronunciar o nome da rival amada.

Interrogou-o. Elle, n'uma impassibilidade serena o triste de idealista desilludido, mostrou-lhe o retrato que ella lhe offerecera aos quinze annos.

Vendo-o, comprehende tudo: o retrato denunciou-lhe todo o mysterio do seu amor abandonado. Os annos tinham afeiado a sua physionomia.

A sua rival era a imagem de sua belleza de outr'ora, no tempo em que se namoravam ao sol...

Agora para seu amado ella existia como uma illusão morta e para seu affecto, desesperado, impossivel só podiam fulgir as evocações d'um passado feliz.

CABRAL DE ALENCAR.

O prato do Julinho

Era uma tarefa massadora aquella que lhe incumbia duas vezes cada dia. Antes de tragar o primeiro bocado, ella havia de fazer os pratos das sete creanças, muito pachorrentamente, medindo bem os quinhões para não haver razão de queixa. E sem perder a calma e a paciencia no meio da algazarra desordenada, da garrula tagarelleza de s'nhada, ia distribuindo os pratos, um por um, a começar pelos menores.

A's vezes o marido ajudava-lhe a tarefa, mas elle era tambem tão occupado... comia sempre ás carreiras para não perder um vintem no trabalho do dia.

Acabada a distribuição, tinha-se-lhe

acabado tambem o appetite quasi sempre ella comia pouco ou nada. D'ahi, e de outras causas mais, resultara-lhe a magreza extrema, que lhe matava a antiga opulencia das fórmas, realçando mais o amoroso brilho das pupillas.

Um dia veio a febre, e vieram convulsões, e o Julinho, o mimo da casa, foi levado n'um caixãozinho azul, muito dourado e coberto de flores...

Nos dous primeiros dias, entorpecidos pela dor, esqueceram-se de tudo, pensando que iam morrer tambem, e esperavam a morte. Mas a morte os não queria: levou somente o anjinho.

Era preciso voltar á vida e ao trabalho: os outros seis alli estavam a chamar por elles.

Quando se foram sentar pela primeira vez á meza, depois da catastrophe, e viram o lugar vazio, recrudescer a dor e foi com um nó na garganta que fizeram os pratos nesse dia.

Depois de servidos todos, quando iam elles comer, ella poz-se a fazer convulsivamente um prato mais o pôo no lugar vazio do Julinho.

E sentados, a olhar para o pratinho que se conservava intacto, enquanto se esvaizavam os outros continuavam a soluçar.

As creanças mais idosas, que comprehendiam, tambem choravam, mas sem deixar de comer.

Janeiro—95.

BRUNO JAUJ.

MEDALHAS

VII

OLAVO BILAC

*Vida em fóra lá tae tentando a lyra,
—Lyriem q' vibram todos os rumores,
Seja a troça que um passaro desfiru,
Seja a explosão dos mares rugidores.*

*No crystal de seu verso a gente mira
O proprio coração:—risos e dores,
Tudo o que nos consoleou que nos firu,
Pompeia ali as ochementes corre.*

*A's vezes se remonta á augusta Rontu
E de um soneto faz aurea redoma
Para abrigar-lhe os cultos immortaes.*

*Quando o somno lhe foge, abre as janelas
E leva toda a noite a ouvir ESTRELLAS
Que lhe fallam das plagas sideraes.*

VIII

ARTHUR AZEVEDO

*Da Attica criu o sal que no baptismo
Elle ingeriu... Só esta conjectura
Póde explicar o garrulo humorismo
Do seu estylo de ciazs frescura.*

*Assentando a luneta do optimismo,
Guinda-se acina da existencia escura
A marombar a penna sobre o abysmo
E a rir sobre nós todos lá da cultura.*

*O palco é a sua predilecta arena,
Onde troça os ridiculos sem pena
E a tollice, a sorrir, farpia ao vien.*

*A's vezes oem-lhe umas idias acras...
E então com rimas vaidas e almas
Tece toalha de mimoso crivo.*

IX

VALENTIM MAGALHÃES

*Intermezzo paladino da Arte,
Conquistas do dragão de commando,
En luctu impelle esse aguerrido bando
Que n' A SEMANA tem bello estandarte.*

*O seu talento ecclético reparte
Instruindo, escrevendo, apostolando,
En luctu faz ressur de quando em quan-
do,
Q' elle tambem, oh Musa, sabe ensinar-te.*

*No arcano do organismo qu'inda feres
De bondade e' tambem accidos travos
De una fina ironia causticante.*

*O conto, o artigo, a chronica, a anec-
docta,
Em q'entes jorros, tudo emfim the brota
Da penna—q' não para um só instante*

MOAUCH.

BIBLIOGRAPHIA

O *Coração*, poemeto de Rodrigues de Carvalho. — Editor Centro Literario. — Fortaleza, 1894.

Acaba de sair à luz este trabalho litterario, cujo producto é destinado a auxiliar as obras do monumento a J. de Alencar.

Foi feita a impressão que nos causou a leitura d' *O Coração*, onde ha formosos alexandrinos e brillantes imagens.

Notamos, entretanto, que o poemeto não tem plano definido, resentindo-se de uma certa heterogeneidade de concepção.

Ha aqui e ali expressões que nos pareceram incorrectas, como sejam — « embriagar-me ao vinho desta dor », « louca como o sol », « embriagar-me em vinho », e outras equivalentes.

A pagina 28 o poeta elide sem necessidade o segundo u de *crepusculo e musculo*, deixando entretanto de elidir o primeiro o de *symbolo*, e quebrando assim o verso em que entra esta palavra, e que é este—*Para symbolo da dor, o safiro penhasco*? — visivelmente errado.

Na poesia—*O coração de uma monja* ha o seguinte verso com um palpavel erro de concordancia — « Agora é meu cilicio os cravos do madeiro. »

Quanto ao mais, é *O Coração* uma bonita amostra do talento poetico do Sr. Rodrigues de Carvalho, com o qual nos congratulamos.

JOSÉ DE ALENCAR. — *Discursado Mayoritaz de Azevedo*. — Rio de Janeiro, 1894.

Por occasião do festival concerto realizado no Cassino Fluminense em beneficio das obras do monumento de José de Alencar, recitou Magalhães de Azevedo um brilhantissimo discurso, que fez tirar em folhetos, dos quaes teve a fineza de nos enviar um exemplar.

Ficamos sabendo a gora que alem de delicado contista e inspirado poeta é tambem Magalhães de Azevedo orador fluente e correcto.

Folgamos em conhecer mais esta fare do talento de Magalhães de Azevedo, um dos vultos mais insinuantes da actual geração litteraria brasileira.

Deliciam a gente as phrases vibrantes com que elle debuxa a traços largos a imponente figura do glorioso escriptor cearense.

POLYMORPHOS, versos de Arthur Bahia. — Recife 1894.

Um folheto com 32 paginas de versos espontaneos e sonoros que se acaba de ler antes de acabar um charuto, mas cuja impressão agradável não se extingue tão depressa como as espiraes do fumo.

Ao contrario, depois da leitura dos *Polymorphos* alguma coisa nos fica a ressonar docemente no ouvido como *A beira-mar*, *Tela* e outros.

Merece menção especial o soneto *Cego!* — com uns deliciosos longes de sabor canonicano.

M. J.

SOMBRA E LUZ

(INEDITO)

*O mesmo doce te no amor q' outr'ora
Tu me mostraras, mostras nocamente:
Dás-me de novo teu olhar ardente
E o ardente nectar q' em teu labio mora.*

*Fazes de novo rebrilhar a aurora
No coração que ha muito tristemente
Vive immerso na treva em q' inclemente
Com teus desdens lançaste-me, senhora*

*Tambem, no inferno, da celeste esfera
Fogem os sores: depois, na primavera,
Quando não ha mais gelidos brifejos,*

*A Via-lactea luz no alto afastado
Como um penhasco de airo em galgado
Sobre um campo forrado de azulijos.*

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Minas—1894.

A NOSSA CORRESPONDENCIA

OURO PRETO, 9 DE NOVEMBRO DE 1894. *Meu caro Sabino Baptista*. Hoje o dia começou alegre e cheio para mim: pois o carteiro, entre outras novidades, trouxe-me a tua carta de 28 de Outubro, uma circular da Padaria, ainda quente do forno, convidando-me para ser socio correspondente aqui e o n.º 7 do *Ceará Illustrado*. Passo a responder-te.

Depois que vim do Ceará, demorei-me uns vinte dias na Capital Federal.

Vinte dias! Quasi tantos quanto dei ao nosso bom Ceará! A proposito de litteratura isto está muito peor do que o centro em que vives. Pela *Semana* podes ver (e a *Semana* é o nosso unico jornal litterario) como as letras estão marasmadas. De mais, muitos dos nossos rapazes de letras estão ausentes, outros afastados da gente, mettidos em arranjos de outra ordem etc. Tudo, enfim, esbido de tal modo,

que não sei quando se erguerá de novo.

... Ora não tornes a chamar isto aqui de *poetica t'Arbaida*.

Poetica theaida é essa ondo vives, bella terra da luz, que os verdes nures heijam.

A Padaria reorganison-se (dizes), o que vale dizer que o forno se concertou e que *O Pão* váe sair: Li o Retrospecto. Como o jornal da Padaria só sae em Janeiro, é possivel que até hi tu tenha tempo para enviar nos padeiros alguma cousa. Não ha duvida.

Ando já, meu caro Sabino, bastante atarefado com encargos, que me afastam das letras.

Um grande abraço em todos os padeiros, e um especialmente a ti, do teu. — RAYMUNDO CORRÊA.

RIO 15 DE NOVEMBRO DE 1894. *Illm. Sr. Moacyr Jurema* (L. formoso.)

Agradecendo a gentileza, que commigo tivestes escolhendo-me para representante da *Padaria Espiritual* n' esta cidade que, em verdade, é uma formilha, não sei se poderei dar conta da incumbencia a contento de vós outros, não porque me falte vontade mas porque o tempo me não sobra, tão atarefado estou presentemente.

Padreiro sou e dos que mais trabalham n' esse rude labor de amassar o trigo dos campos do Sonho. Como a freguezia é grande, succede, muitas vezes, que, afim de servir-a, não levo ni masseira o tempo necessario para dar a massa de meus pães a tenra maciez e o adubo saboroso que os tornam apetezidos... o os meus pobres pães endurecem e perdem o sabor de um dia para outro.

Fico, todavia, á disposição dos meus confrades pondo ás ordens da Padaria a minha pá e... o suor do meu rosto.

Acho-me, porém tão fraco, que não estou longe de acreditar nas palavras de um vidente: — que ando a fazer biscoitos. Quem sabe?

Em summa: pães ou biscoitos, seja o que for, disponho ainda de um celloiro de boa vontade e de... sonho e é dessa massa que ellês se fazem.

Assim pois, fico esperando as vossas ordens... á bocca do forno. Confrade — COELHO NETTO.

RIO, 31 DE OUTUBRO DE 1894. *Sabino*. Li, penhorado, a noticia que deste d' meu livro, creio que na *Republica*.

Obrigado: Queira Deus que os meus trabalhos possam sempre merecer o acolhimento, que este acaba de ter no Ceará. Li igualmente a noticia do Salles: muitissimo boa e extraordinariamente amavel.

Obrigado a vocês todos dessa *Padaria*, que so fez tão querida no Rio de Janeiro e em todo o Brazil. Meu desejo é que ella continue por ali fóra conquistando glorias e mais glorias. Eu, de minha parte, farei o que pader em beneficio dos padeiros.

Creio que sociedade alguma litteraria já obteve maior exito no Brazil. E' um consolo e um estímulo para os rapazes d'ahi.

Meu *Bom-Crioulo* está no prelo e deve apparecer em Dezembro.

Adeus do — Ad: *Caminha*.

S. PAULO, 22 DE NOVEMBRO DE 1894.
Illustra confrade Sr. Moacyr Jurema.
 Com o *Retrospecto* dos feitos da utilissima Padaria Espiritual, recebi o vosso officio impresso, communicando-me haver eu recebido a immerecida distincção de ter sido escolhido para socio correspondente da Padaria n'esta cidade.

Agradecendo a benemerita e progressista instituicão, que tão bons serviços tem prestado e va' prestando ás lettras, a honrosa incumbencia, accetto-a e convidarei esforços para desempenhar-me d'ella honradamente, correspondendo assim á *illimitada* confiança de que me fez depositario.

Dizei-me, porem, amigo e confrade, em que posso ser util á Padaria Espiritual n'esta terra, onde felizmente as lettras tambem vão medrando, graças ao impulso de alguns espiritos novos, que se dispuzeram a pugnar pelo amor d'ellas.

Eu aqui estou e aqui sou todo vosso como admirador e como obreiro.

Li com um praser crescente todo o risinho e desopilante *Retrospecto* dos feitos da Padaria e soube-me bem essa pada amassada e levedada pelas habillissimas mãos do 1.º forneiro a quem endereo estas linhas.

Muito bem, muito bem e avante.

Para o mez, devem ser publicados dous livros meus: *Caricias e Bom humor* e *Vida Airada* dos quizes enviarei exemplares para a bibliotheca da Padaria.

Se ainda existirem exemplares dos *Arminhos* e do *Attentado da rua de S. Leopoldo*, que publiquei em 1892, tambem enviarei alguns com o mesmo destino. As edições estão exgotadas e só por acaso será possível achar-se algum exemplar á venda. Procurarei todavia.

De resto, dai-me as vossas ordens e credeitai-me sempre um admirador sincero da Padaria e de todos os seus intelligentes forneiros e demais operarios.

Um abraço fraternal no Am.º e confrade—*Garcia Redondo*.

AVE ERRANTE

(INEDITO)

Accreditar que um dia foste minha e que bem cedo, á pomba, me fugiste, é ser cahir n'um sonho vago e triste, quanto de puro a fantasia tinha.

Como a nécada pérola marinha, que no fundo do mar somente existe, aquelle santo affecto, que em mim existe, pérola d'alma—de minha alma vinha

in-lo habitar no fundo de tua alma, ta' uma estrella tristemente calma que resplandecia em azulelos ceus.

Entanto, ó pomba, tu baleste as azas, n'essa deixaste o amor em q' me abraçavas. desgracada visão dos sonhos meus!

(Pará).

GUILHERME DE MIRANDA

CARTEIRA

DESEMBARGADOR MOTTA CORRÊA

Falleceu no Rio de Janeiro o illustre desembargador Motta Corrêa, pae do nosso querido amigo, o glorioso poeta Raymundo Corrêa, ao qual enviamos nestas linhas um abraço de sincera condolencia.

• HOMENS E LIVROS •

E' este o titulo de um livro que vae publicar brevemente o nosso confrade paraense Raul de Azevedo, um dos mais esforçados obreiros da *Mina Litteraria*.

A obra será editada pelos conhecidos livreiros fluminenses Magalhães & C.ª, aos quizes já foram remettidos os autographos.

VICENTE SABOYA

Esteve a passeio nesta capital este sympathico cavalheiro, nosso correspondente em Sobral.

• TROVAN DO NORTE •

Acha-se muito adiantada a impressão do livro de Antonio Salles.

As *Trovas do Norte* dividem-se em dous partes—*Ervadias* e *Intinus*, a primeira dedicada ao eminente escriptor Affonso Celso e a segunda a esposa do poeta.

JOSÉ CARLOS JUNIOR

Foi nomeado para exercer interinamente o cargo de Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda o nosso presado chefe José Carlos Junior, lente de allemão do Lyceu Cearense.

Damos parabens ao Estado e ao governo, que o vae ter como auxiliar: quanto ao nomeado, hesitamos um pouco em felicital-o, porque o cargo é, sem chapa, espinhoso.

Em todo caso, vá lá um abraço ao Padeiro-mór.

A NOSSA REUNICÃO

Muito lisongeiro foi o acolhimento, que nos fizeram os nossos collegas do *Democrata* e da *Gazeta do Commercio*, da Parahyba, e *Diario de Pernambuco* e *Provincia do Pará*.

Agradecidos.

LEOPOLDO BRIGIDO

Acha-se ha dias em nossa terra, que é tambem a sua, este uosso talentoso amigo, uma das mais promettedoras vocações litterarias da actual geração cearense.

Brevemente illuminarão as columnas d'O Pao algumas produções do Leopoldo.

AS NOSSAS SESSÕES

Duas magnificas sessões realisou nesta quinzena a Padaria Espiritual, uma em casa de José Carlos Junior e outra em casa de Rodolpho Theophilo.

Ambas estiveram animadas e fecundas.

Foi muito captivante o tractamento dispensado pelos dous amphitriões aos seus convivas, cuja satisfação se traduziu em brilhantes cargas de espirito.

Por falta de espaço não fazemos aqui a commemoração das peçuzas lidas, algumas das quizes já figuram no summario deste numero.

PADRE CORREIA DE ALMEIDA

Publicamos hoje um dos magistraes sonetos do grande poeta mineiro Padre Corrêa de Almeida, soneto que tem por assumpto a nossa associacão.

LEMBRETE

Prevenimos aos nossos consocios nos Estados que, segundo os nossos estatutos, é vedado aos Padeiros empregar nos seus escriptos palavras extranhas á lingua vernacula, e desde já pedimos autorisacão a todos para substituir por vocabulo portuguez qualquer vocabulo estrangeiro, que porventura encontremos nas produções que nos mandem.

Precisamos affirmar e inittivamente este ponto: a lingua portugueza não precisa de favores de nenhuma outra.

DR. PEDRO BORGES

Chegou ha dias do Rio este sympathico cavalheiro e conceituado clinico, representante do Ceará na Camara Federal.

Foi brilhante a recepção, que fizeram seus amigos e magnifico o almoço que lhe foi offerecido na residencia do seu digno cunhado, coronel Guilherme Rocha.

Entre muitos brindes, que se trocaram, Pedro Borges ergueu um á Padaria Espiritual, «sociedade que muito tem concorrido para o levantamento dos creditos litterarios do Ceará.»

A esse brinde, caloroso e nte acolhido, respondeu o nosso collega Sabino Baptista, saudando ao illustre recémchegado.